

NIETZSCHE E O NIILISMO: POR UMA ESCOLA DO ESPÍRITO

Viviane Mayumi Resende Uenaka¹
Alexandre Victor Romero²

RESUMO: O presente trabalho visa abordar os subsídios da filosofia de Nietzsche para refletirmos sobre a educação, especialmente em alguns pontos específicos, a saber: a ética, o niilismo e a metamorfose do espírito. O trabalho é composto por dois ensaios independentes, porém interconectados pelo esforço de relacionar o pensamento nietzschiano ao campo da educação, propondo, assim, críticas ao modelo educacional contemporâneo e traçando caminhos para refletir por meio dos conceitos da filosofia de Nietzsche. Assim, o objetivo é estabelecer uma relação entre as críticas nietzschianas e a atmosfera do ensino em pleno século XXI.

Palavras-chave: Ética. Educação. Filosofia.

ABSTRACT: This paper aims to address the contributions of Nietzsche's philosophy to reflect on education, especially on some specific points, namely: ethics, nihilism and the metamorphosis of the spirit. The paper is composed of two independent essays, but interconnected by the effort to relate Nietzschean thought to the field of education, thus proposing criticisms of the contemporary educational model and outlining paths to reflect through the concepts of Nietzsche's philosophy. Thus, the objective is to establish a relationship between Nietzschean criticisms and the atmosphere of teaching in the 21st century.

Keywords: Ethic. Education. Philosophy.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea tem sido marcada por profundas transformações que afetam não apenas suas práticas pedagógicas, mas também os valores que orientam a formação humana. Em um contexto caracterizado pela intensificação da racionalidade neoliberal, pela padronização dos processos educativos e pelo enfraquecimento de referenciais éticos compartilhados, torna-se pertinente questionar os sentidos atribuídos à educação e aos modos de constituição dos sujeitos. Nesse cenário, a filosofia de Friedrich Nietzsche oferece importantes instrumentos de análise ao diagnosticar o niilismo como um fenômeno cultural ligado à desvalorização dos valores e à negação da potência criadora da vida. Embora suas

¹Doutoranda em Educação pela Unesp. bolsista Capes.

² Doutorando em Educação pela Unesp.

reflexões não tenham sido elaboradas especificamente para o campo educacional, elas possibilitam problematizar aspectos centrais da escola contemporânea, especialmente no que se refere à formação de indivíduos conformados às exigências sociais vigentes. Partindo dessa perspectiva, o presente artigo busca refletir sobre as contribuições do pensamento nietzschiano para a compreensão das relações entre niilismo, educação e formação humana, bem como para a crítica da educação neoliberal e de seus efeitos sobre a constituição dos sujeitos.

O niilismo em Nietzsche e sua aplicação possível no campo da ética e da educação

O termo niilismo não foi cunhado por Nietzsche. Na verdade, sua concepção já estava presente na história da filosofia. “Niilismo” vem do vocábulo latino “nihil”, que significa “nada”. No entanto, foi no século XIX, com Nietzsche, que o conceito ganhou um novo tom (como veremos adiante). Vale ressaltar que, de forma geral, o niilismo “pré-nietzschiano”, por assim dizer, está relacionado a uma visão de mundo e de totalidade que *sublinha a falta de significado ou propósito na vida*, bem como a falência dos valores universais. Nesse sentido, o niilismo passou a designar uma problemática filosófica relacionada à perda de fundamentos considerados absolutos e à dificuldade de atribuir sentido à existência humana. Embora essa condição possa ser compreendida como uma experiência de crise, ela também representa um importante momento de questionamento dos valores tradicionalmente aceitos. É justamente nesse contexto que a reflexão filosófica sobre o niilismo ganha relevância, uma vez que permite investigar não apenas as consequências da perda de sentido, mas também as possibilidades de criação de novos modos de compreender a vida e orientar a ação humana. A pessoa niilista pode ser considerada alguém triste, que percebe tudo ao seu redor como artificial e, muitas vezes, despreza os valores sociais. O niilista, basicamente, rejeita os valores e significados tradicionalmente aceitos, sejam eles morais, culturais ou religiosos. Mais do que uma simples negação de valores, o niilismo pode ser entendido como a expressão de uma crise mais profunda, na qual os fundamentos que sustentavam determinadas concepções de verdade, moralidade e sentido passam a ser questionados. Por essa razão, o tema tornou-se objeto de intensa reflexão filosófica, especialmente a partir do século XIX, quando o problema da perda de referências passou a ocupar lugar central nas discussões sobre a cultura ocidental.

Na palavra niilismo, *nihil* não significa o não-ser, mas, antes de qualquer coisa, um valor de nada. A vida assume um valor de nada na medida em que é negada, depreciada. A depreciação supõe sempre uma ficção: é por ficção que se falseia e se deprecia, é por ficção que se opõe alguma coisa à vida. A vida inteira torna-se então irreal, é

representada como aparência, assume em seu conjunto um valor de nada. [...] Em seu primeiro sentido e em seu fundamento, niilismo significa, portanto, valor de nada assumido pela vida, ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, vontade de nada que se expressa nesses valores superiores. (Deleuze, 2018, p.189)

Entretanto, para os fins deste trabalho, analisamos o niilismo a partir de uma interpretação nietzschiana, apresentando um panorama geral e apontando sua utilidade na esfera ético-educativa, com o objetivo de identificar possíveis contribuições para os dias atuais. Ao deslocar a discussão para o campo da educação, torna-se possível investigar de que maneira a crise dos valores diagnosticada por Nietzsche também repercute nos processos formativos. Assim, o niilismo não será compreendido apenas como um fenômeno filosófico, mas como uma questão que permite refletir criticamente sobre a constituição dos sujeitos e os sentidos atribuídos à educação na contemporaneidade. Para contextualizar, é inegável que Nietzsche viveu em um período marcado pela crise da ética. A Europa enfrentava diversas guerras, especialmente na segunda metade do século XIX (guerras imperialistas, guerras de unificação, entre outras). O contexto social no qual o filósofo alemão estava inserido foi marcado por grandes adversidades e tragédias. Além dos conflitos políticos e militares, o período também foi caracterizado pelo enfraquecimento das crenças e dos fundamentos tradicionais que, durante séculos, haviam orientado a vida ocidental. Nesse cenário de transformações e incertezas, tornava-se cada vez mais evidente a necessidade de repensar os valores morais, bem como os sentidos atribuídos à existência humana. Assim, podemos supor que Nietzsche “sentiu as dores” de viver nesse período de esgotamento dos valores morais, em que explicações, fundamentos, crenças e conceitos até então considerados válidos, - ou seja, firmemente estabelecidos - “foram postos em xeque”. Tal contexto contribuiu para o desenvolvimento de uma filosofia profundamente crítica em relação aos valores que sustentavam a cultura europeia de sua época. Segundo Viesenteiner (2011, p.III):

O século XIX é marcado pela falência generalizada das principais narrativas teóricas que sustentaram a cultura ocidental. A unidade da razão, que emitia um juízo universal sobre o mundo, a vida e a morte, converte-se em razão fragmentária incapaz de responder às questões basilares da vida humana. No caso da ética, esse colapso é percebido principalmente através do esvaziamento de significado das perspectivas e valorações morais que foram tradicionalmente cultivadas ao longo dos séculos. Trata-se de um descrédito em relação ao otimismo exagerado nas potencialidades da razão humana, bem como da gradual supressão de um fundamento religioso que garantia a retidão da ação humana.

E, apesar desse cenário “caótico”, Nietzsche pôde analisar, de maneira fecunda, aquilo que podemos chamar de a “doença da humanidade do século XIX”: o colapso ético, que, por

sua vez, como tentamos expor neste trabalho, também se reflete na educação. Daí surge a seguinte indagação: afinal, de que forma o *niilismo nietzschiano* pode nos ajudar a superar os descompassos criados pelo próprio homem e a sua incerteza em relação às suas ações morais e sua existência? Não há, contudo, uma resposta pronta e definitiva para essa questão. Inicialmente, cumpre dizer que o conceito de *niilismo* aparece em várias obras de Nietzsche, de forma dispersa, ou seja, não há uma obra específica dedicada exclusivamente a esse tema. No entanto, há uma explicação direta de Nietzsche (1980, p.350) “o *niilismo* é um estado normal. *Niilismo*: falta a meta, falta resposta à pergunta ‘para quê’. O que significa *niilismo*? – *que os nossos supremos valores se desvalorizam.*” A partir dessa definição, percebe-se que o *niilismo* está relacionado à perda de sentido dos valores que tradicionalmente orientavam a vida humana. Em outras palavras, aquilo que antes servia como fundamento para as ações, crenças e decisões dos indivíduos deixa de oferecer respostas satisfatórias, produzindo um cenário de incerteza e crise.

Tudo indica que, para o alemão, o *niilismo* é o estado em que o ser humano não consegue enxergar o real valor das coisas, onde seus princípios acabam se perdendo no mais profundo vazio. Em suma, para Nietzsche, o *niilista* é uma pessoa fraca, que acredita em utopias e transcendências; alguém que, por assim dizer, nega o mundo da vida. Esse estado de desorientação pode se estender a todos os âmbitos da vida, não estando atrelado apenas à moral, mas também à cultura, religião, arte, política, entre outros. É, portanto, a negação do mundo da vida em todas as suas esferas. Nesse sentido, o *niilismo* representa não apenas uma crise de valores, mas também uma crise de sentido, na medida em que o indivíduo já não encontra fundamentos sólidos capazes de orientar sua existência. Tal condição também repercute na educação, uma vez que a formação humana passa a carecer de referenciais capazes de atribuir sentido à existência e às ações dos indivíduos. Dessa forma, a crise dos valores torna-se igualmente uma crise formativa, revelando uma profunda transformação na maneira como o homem compreende a si mesmo e o mundo que o cerca. Para ilustrar essa ideia, vale mencionar um trecho da obra *Assim Falou Zaratustra*, em que o filósofo alemão aborda, de maneira didática, essa questão da falta de meta e de objetivo, por meio de uma conversa entre Zaratustra e sua sombra.

Tenho, eu, porventura – ainda uma meta? Um porto para o qual ruma a minha vela? Um bom vento? Ah, somente quem sabe para onde vai sabe, também, que vento é bom e favorável à sua navegação. Que me restou, ainda? Um coração cansado e atrevido [...]. Onde está - o meu lar? (Nietzsche, 1998a, p. 276)

Nessa perspectiva, o niilista, segundo Nietzsche, é aquele que se deixa conduzir pela negação de seus desejos e impulsos, submetendo-se a “regras morais” impostas. Assim, renuncia à criação de seus próprios valores e torna-se dependente de sentidos previamente estabelecidos. Trata-se de alguém que nega a si mesmo, reprimindo suas paixões. Segundo Araldi (2016, p. 327) “[...] o niilismo é compreendido como um modo próprio de declínio das forças dos instintos vitais, no interior da história dos valores morais”. Essa repressão pode gerar um grande impacto na sociedade, pois o indivíduo deixa de agregar valor à vida. Na verdade, ele contribui para a reprodução de uma sociedade fraca, que abre espaço para tiranias sustentadas por valores que, em essência, não possuem valor algum. Nietzsche, ao criticar esse conceito, o reconfigura completamente, propondo uma nova compreensão do niilismo. Para Silva (2023, p. 83).

[...] a experiência do mundo é heterogênea. Os fortes são mais aptos a enfrentarem a dureza da existência em sua efetividade, sem autoenganos, criando para si espaços de predominância e dominação. Para eles o sofrimento faz sentido, pois é convite à superação e ao ganho de força. O que não os mata os torna ainda mais fortes. Por outro lado, para os fracos tudo é diferente, o sofrimento é desprovido de sentido e perspectiva de grandeza. Nada de proveitoso podem extrair da dor que lhes acomete. O que lhes resta é a ingloria submissão aos fortes e a dor da vida, que eles tentam aliviar com elaboradas formas de autoengano e negação da existência.

A reflexão apresentada por Silva permite compreender que, para Nietzsche, a distinção entre fortes e fracos relaciona-se, principalmente, à maneira como os indivíduos interpretam e enfrentam o sofrimento. Nesse contexto, o niilismo manifesta-se como uma recusa da vida em sua efetividade, marcada pela incapacidade de atribuir sentido às experiências dolorosas e transformá-las em força criadora. Em Nietzsche, a crítica ao niilismo está atrelada à moral, sobretudo àqueles que fazem da moral uma questão de poder. Ele repudia, por exemplo, a associação dos valores religiosos à política. Dessa forma, essa “moral de rebanho” impossibilita a construção de novos valores e a elevação da humanidade a um patamar mais justo e digno. “A massificação da condição passiva e impotente do homem contemporâneo, cujo niilismo está instrumentalizado no que Nietzsche denominou de ‘moral de rebanho’, representa os últimos passos de uma lenta e gradual escalada do niilismo.” (Viesenteiner, 2011, p.121). Sobre o niilismo, Nietzsche afirma ser um “espetáculo em cem atos reservados para os próximos dois séculos” (1998b, p.148). Como mencionado, o surgimento do niilismo nietzschiano foi aventado no século XIX, mas ele ainda ecoa e impacta a sociedade no século XXI, tal como Nietzsche previu.

Ademais, é possível identificar quatro tipos de niilismos descritos por Nietzsche, a saber: niilismo negativo, niilismo reativo, niilismo passivo e niilismo ativo. Embora este texto não tenha como foco aprofundar-se nessas modalidades de niilismo, é possível apresentar breves considerações. O niilismo negativo refere-se à negação da nossa realidade e do mundo em que vivemos em favor de outra vida. Essa ideia está fortemente associada às questões religiosas, no sentido de buscar respostas que transcendem esta existência. Para Deleuze (2018, p.189): “[...] niilismo significa, portanto, valor de nada assumido pela vida, ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, vontade de nada que se exprime nesses valores superiores”. Por outro lado, o niilismo reativo pode ser entendido como aquele em que o indivíduo reconhece as imperfeições do mundo em que vive, mas já não espera nada além desta vida. Assim, ele tenta reagir as essas imperfeições. Nesse contexto, a ciência ganha destaque, pois o homem passa a utilizá-la como base para buscar respostas. Nietzsche, contudo, não concorda com essa abordagem e afirma:

[...] ela é uma interpretação notável por sua coerência e rejeição a qualquer convicção pessoal prévia, seu único defeito (único, porém considerável) sendo o de recusar-se a admitir que ela não passa de uma interpretação, o de pretender chegar ao estatuto de texto original” (Wotling, 2013, p. 103).

Ao que tudo indica, o niilismo reativo acaba se configurando como uma espécie de continuação do niilismo negativo, o que, para o filósofo alemão, é algo extremamente prejudicial. Em contrapartida, o niilismo passivo, caracteriza-se pela atitude do homem que aceita passivamente sua vida em um mundo imperfeito e desigual. Nesse caso, ele não busca respostas no transcendente nem tampouco na ciência. Assim, segundo Silva (2023, p. 92-93):

Percebe-se que as verdades absolutas não foram encontradas, o que implica insustentabilidade do bem ou do mal em si, ou de virtudes ou pecados, ou de qualquer objeto espiritual pelo qual valha a pena lutar. O niilismo passivo é, para Nietzsche, uma espécie de budismo pacifista, onde a guerra contra os valores dos senhores não é mais desejada, nem a luta pela afirmação dos valores escravos, nem a fuga dos pecados para galgar o mundo superior

A expressão “budismo pacifista” é empregada para explicitar essa condição humana de pessimismo associado à fraqueza, combinada com uma postura pacifista. “Assim contada, a história nos leva à mesma conclusão: o niilismo negativo é substituído pelo niilismo reativo, o reativo desemboca no niilismo passivo” (Deleuze, 2018, p, 193). Por fim, tem-se o niilismo ativo, no qual aceitamos viver em um mundo imperfeito, com todos os problemas e dores, sem buscar respostas na transcendência. Em vez disso, buscamos viver da melhor forma possível nesta realidade, desconstruindo valores já existentes e construindo novos, com o objetivo de criar

uma realidade melhor. Abrindo um parêntese, cabe destacar que, neste tipo de niilismo, manifesta-se uma vontade de potência - aquilo que nos impulsiona. Essa vontade não está presente nas outras espécies de niilismo. Trata-se de um processo de transformação interna, em que o homem supera a si mesmo, abandona os niilismos anteriores e, assim, alcança um estado de superação pessoal. Nesse processo, a destruição dos antigos valores abre caminho para a afirmação da vida e para a construção de novos sentidos. Silva (2023, p. 99) nos ensina,

O niilismo completo é também chamado de niilismo ativo porque, uma vez que se deixa de acreditar no niilismo e na negação do mundo, bem como na passividade de seu estágio final, o que resta ao indivíduo é a ação em substituição à passividade, e a afirmação em substituição à negação: resta, portanto, a ação afirmadora que será o fundamento da grande política! Mas o que a ação afirma? Afirma a vida anteriormente negada, e “a vida é vontade de poder”. Portanto, afirma a vontade de poder.

Essa é a ideia do filósofo do martelo: “destruir ídolos” para construir algo novo, a partir da vontade de poder-potência. Desse modo, a crítica aos valores estabelecidos constitui o primeiro passo para o processo de autossuperação defendido por Nietzsche. Salutar mencionar que alguns leitores “desatentos” de Nietzsche podem atribuir essa classificação ou nomenclaturas do niilismo a seus comentadores, como Deleuze, por exemplo. Todavia, essa classificação é do próprio Nietzsche. Embora essas terminologias não apareçam de forma explícita em suas obras publicadas, elas podem ser encontradas nos fragmentos póstumos - um conjunto de anotações preparatórias que Nietzsche fazia ao refletir e organizar as ideias que seriam utilizadas em seus livros. Embora este texto não tenha como foco aprofundar-se nessas modalidades de niilismo, é possível apresentar breves considerações. Nesse sentido, merece destaque a dissertação de Luciano Olavo da Silva (2023), que, além de investigar os caminhos da política em Nietzsche, desde a formação do Estado até a formulação da grande política, também desenvolve uma análise aprofundada das diferentes modalidades de niilismo presentes na filosofia nietzschiana, constituindo uma importante contribuição para a compreensão desse conceito e de seus desdobramentos.

Ao refletirmos sobre a filosofia de Nietzsche, a partir da ideia de niilismo e da crise ética, ela nos revela um grande “projeto” no campo da educação. Como mencionado, ele realiza uma dura crítica às questões éticas, morais e aos valores impostos em sua época, mas que ainda se encontram presentes em nossa atmosfera, sobretudo na educacional. Para Nietzsche, os valores são criados pelos homens, o que determina os contornos gerais de toda a cultura. As regras morais e os regimentos educacionais impostos dentro do ambiente escolar tornam-se uma “espécie de ditadura” que impossibilita o florescimento das ideias dos educandos, pois

desencadeiam um sentimento de tristeza, associado à “de moral de rebanho”. Essa educação “massificada”, imposta pelas instituições de ensino, preocupa-se apenas com a reprodução simplificada dos saberes, promovendo, em certo sentido, o niilismo passivo, interrompendo as pulsões naturais do educando e tornando-o fraco, sem autonomia para refletir, problematizar e construir novos valores/saberes. Essa aceitação passiva (negação da realidade) torna-se uma espécie de doença que se propaga rapidamente no corpo educacional. Logo, professores, alunos e diretores estão todos imersos na mesma condição cultural: pessimista e pacifista.

É preciso afastar essa educação mercantilizada, “pronta e acabada” vendida como se fosse algo ao qual devemos nos agarrar “com a própria vida”. A educação necessita de uma reflexão ampla. Será que realmente estamos formando pessoas capazes de criar valores ou apenas estamos mantendo os valores já estabelecidos? Para o filósofo alemão, não podemos aceitar os valores aos quais estamos acostumados como informações absolutas. Pelo contrário, devemos rejeitar o apego a toda matéria que já foi pacificada e dirimida. Assim, podemos supor que a crise ética educacional da contemporaneidade tem relação íntima com a moral, justamente porque a educação a torna uma questão de poder. A condição niilista atual dos educadores e educandos revela-se como o estágio mais avançado do esvaziamento e da desvalorização dos nossos valores supremos. Trata-se da falta de meta. É nesse sentido que as teses nietzschianas repercutem. Deveríamos, segundo o pensador, nos perguntar: qual é a origem dessa análise? Por que devemos nos submeter a isso? Levantar inquirições no seguinte sentido:

Sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e ‘mau’? E que valor eles têm? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (Nietzsche, 1998, p. 9)

Essa crítica, perpetrada pelo pensador à moral e ao seu sentido valorativo, pode ser uma forma de libertação dos estorvos que nos impedem de afirmar ideias originais e a vida que pulsa dentro de nós. Os ensinamentos reiterados nas salas de aula, respaldados apenas pela ciência e pelas questões transcendentais, opõem-se à devida formação do indivíduo. Nesse sentido, é necessário que o niilismo ativo entre em cena. Primeiro, o indivíduo precisa conhecer o valor da moral, sua origem, como se metamorfoseou e se estabeleceu, para, em seguida, criticar o valor dos valores morais. Essa condição ativa do homem lhe confere autonomia e livre pensamento. Assim, a partir da destruição dos ídolos que ainda persistem no terreno da educação, podemos realizar a nossa vontade de potência.

Um elogio aos vagabundos eficazes: por uma pedagogia contra a formação de camelos

O que entendemos hoje por educação, retratada aqui como “escola”, está incrivelmente enredada nas tramas do pensamento neoliberal, ou melhor, a escola se tornou uma ferramenta agrilhoadada ao funcionamento e produção de corpos servis. Essa afirmação é corroborada por inúmeros pensadores, sejam eles do campo da filosofia, da estética, da ética, da psicologia ou mesmo da educação. Não precisa ser um especialista para compreender que a escola já está corrompida por esse modo de experimentação da vida pela lógica neoliberal, basta acompanhar as afirmativas e promessas contemporâneas da escola: “aulas eficientes”; “ensino inovador”; “competência acadêmica”; “produção de sucesso” entre tantos outros modos de ocupação neoliberal. Eventualmente, você pode não encontrar nada de grave nesses anunciados, acreditando inclusive que são de fato bem-vindos e produtivos para se pensar acerca do que é a educação nos dias de hoje. Pois bem, essa familiaridade e passividade extrema são exatamente o problema.

Christian Laval, na obra *A Escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*, ressalta alguns pontos importantes sobre a transformação da escola em um tipo de mercadoria. Voltada para atender à lógica econômica, às instituições de ensino e seus respectivos agentes são cobrados e emoldurados para entregar mais e mais resultados, tratando assim toda cadeia de atuação em algo comercializável, algo que pode ser desejado e vendido como um *ensino de sucesso* mediante sua cada vez maior padronização e métricas de ensino-aprendizagem. Para isso, cria-se o delírio de que a escola é responsável por desenvolver habilidades, competências e preparação para uma vida de sucesso, algo que só poderá ser alcançado por um ensino considerado de sucesso, portanto, um ensino que atenda diretamente aos interesses do mercado neoliberal e, assim, cada vez mais tender para um dispositivo de internacionalização do ensino como subprodutos mercantilizados, assumindo para si um corpo disforme de produção de alienação pública e produção de “sucesso” comercial para os eixos particulares.

Uma dupla transformação tende a redefinir a articulação entre escola e economia em um sentido radicalmente utilitarista: de um lado, a forte concorrência dentro de um espaço econômico globalizado; de outro, o papel cada vez mais determinante da qualificação e do conhecimento na concepção, na produção e na venda de bens e serviços. As organizações internacionais de ideologia liberal, nesse aspecto acompanhadas da maioria dos governos dos países desenvolvidos (que incentivam essa concepção de escola), transformam a competitividade no axioma dominante dos sistemas educacionais: “Competitividade econômica é também competitividade do sistema educacional” (Laval, 2019, p.29).

Não obstante, soma-se a esse pensamento o texto de István Mészáros, *A Educação para além do Capital* (2008), corroborando inúmeros pontos dessa transformação da educação por

uma formação substancial do sistema de produção neoliberal. A educação ‘corrompida’ não se preocupa pelos processos de ensino-aprendizagem envoltos da criação e da arte, muito menos do ensino engajado com o ideal de emancipação. Deste modo, Mészáros afirma uma prática ativa de doutrinação permanente, adotando na palavra “*educação*” uma ideia que transcende os muros da escola (mas do qual a escola também integra as práticas de doutrinação, anunciando-a como uma “*educação contínua*”). Segundo o autor:

Assim, a sociedade capitalista resguarda com vigor não apenas o seu sistema de educação contínua, mas simultaneamente também de *doutrinação permanente*, mesmo quando a doutrinação que impregna tudo não parece ser o que é, por ser tratada pela ideologia vigente “consensualmente internalizada” como o sistema de crença positivo compartilhado de maneira legítima pela “sociedade livre” estabelecida e totalmente não objetável. Ademais, o que torna as coisas ainda piores é que a educação contínua do sistema do capital tem como cerne a asserção de que a própria ordem social estabelecida não precisa de *nenhuma mudança significativa*. Precisa apenas de uma “regulação mais exata” em suas margens, que se deve alcançar pela metodologia idealizada do “pouco a pouco”. Por conseguinte, o significado mais profundo da *educação contínua* da ordem estabelecida é a imposição arbitrária da crença na *absoluta inalterabilidade* de suas determinações estruturais fundamentais. (Mészáros, 2008, p.82. Grifo do autor).

Qual a dimensão dessa doutrinação permanente? Em que medida o sistema neoliberal e suas formas de criar movimentos de alienação pode, de fato, ser profundamente efetivo? Precitaria ser num nível incrivelmente profundo, para além das dinâmicas acessíveis da consciência – quiçá até mesmo do inconsciente. É necessária uma contaminação sem precedentes que modifique os modos de ser e de viver de dentro para fora, ou seja, do *espírito* para a carne. O espírito, neste sentido, é o elemento primordial dos desejos e da própria potência, controlar o espírito é, por sinal, uma marca de doutrinação perpétua. Um corpo agrilhado à escravidão ainda resiste ao seu algoz, vibra intensamente pela sua liberdade e consegue resistir. Agora, uma alma transformada e sedenta por servidão, nunca resistirá ao seu algoz, ao contrário, professará em seu nome. Tanto Christian Laval como István Mészáros, nunca escreveram sobre essa dimensão do espírito. Aliás, são raríssimos os pensadores atuais que ousam mencionar sobre o *espírito* e a sua importância dentro do campo da educação. Talvez isso seja um reflexo do peso da palavra e seus muitos significados ao longo da história. Ou mesmo se deva ao fato da ideia remontada acerca da divisão dos saberes, deixando a escola/educação para os regozijos da ciência; por sua vez, adotando um sentido místico, relega-se ao religioso-espiritual quase todas as menções ao espírito. E se, por um segundo, a grande engrenagem neoliberal estivesse atuando justamente neste segmento? Não seria novidade para a Filosofia a capacidade de se *dobrar* o espírito aos contornos e margens de um grande poder dominante.

Segundo Deleuze (2004, p.30): “em filosofia, a primeira vez é já a segunda”. Quer dizer, a filosofia se debruça sobre os conhecimentos e os fundamentos já dados pelos outros saberes. Não seria diferente com a educação. A escola já possui os seus saberes e as suas verdades, doravante, quando convidada, a filosofia se deleita sobre tais “*verdades educacionais*” como uma criança se deleita ao perguntar sempiternamente os “*porquês*” das coisas. É pela filosofia – e não pelo misticismo ou pela religião – de onde advém uma compreensão sobre o *espírito* e suas mediações com a educação. Para tal, atentemo-nos as *três metamorfoses do espírito* anunciadas por Zaratustra, de Nietzsche: “Três metamorfoses do espírito vos menciono: de como o espírito se muda em camelo, e em leão o camelo, e em criança, finalmente, o leão.”. (Nietzsche, 2008, p.32).

As três metamorfoses do espírito são *transfigurações*. A primeira mencionada é a forma do *camelo*. O camelo é o símbolo daquele que adota para si os fardos da vida como regras e conhecimentos de onde provém a sua força. Em outras palavras, o espírito transfigurado em camelo solicita infinitamente sua satisfação em assumir todas as regras e é totalmente *interessado* em adotar para si mesmo todos os porquês e as respostas como forma de satisfação e experimentação do mundo. O camelo é refém de seu conhecimento e prisioneiro da moral. Quanto maior o peso, mais força o camelo parece demonstrar em carregá-los.

Que é pesado? – pergunta o espírito tornado besta de carga, e ajoelha-se como o camelo que quer estar bem carregado.

Que é o mais pesado, heróis? – pergunta o espírito tornado besta de carga. – Pois delectai-a sobre mim, para que eu goze de minhas forças? (Nietzsche, 2008, p.40).

A segunda transfiguração é o *leão*. O Leão assume a forma de um ser que busca sua liberdade, aquele que entendeu diante do seu imenso deserto, o tamanho da ausência de sentido dos fardos pesados que carregava e agora está disposto a enfrentar o seu algoz. O espírito metamorfoseado em Leão, segundo Nietzsche, sempre “[...] quer lutar pela vitória com o grande dragão”. Veja, o Leão surge diante de sua solidão no deserto, naquilo que entendemos como na ausência de alegria e de potência de vida. O Leão aprendeu a resistir as forças que lhe são impostas, quer enfrentar toda a moral vigente. Agora o Leão é pura violência.

Qual é o grande dragão que o espírito não que chamar nem Deus nem Senhor? “Tu deves”, chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz: “Eu quero!”.

O “tu deves” barra-lhe o caminho, um animal escamoso de áurea fulgor; e em cada uma de suas escamas brilha em letras douradas: “Tu deves!”.

Valores milenários brilham nessas escamas, e assim fala o mais poderoso de todos os dragões: “Todo o valor das coisas brilham em mim”.

“Todos os valores já foram criados, e todos os valores criados: sou eu.” Na verdade, não deve haver daqui por diante ‘eu quero’. Assim falou o dragão.

“Meus irmãos, para que preciso do leão no meu espírito? Não basta a besta de carga resignada e respeitosa?”

Criar valores novos, nem mesmo o leão o pode; mas a liberdade para a criação nova, isso pode o poder do leão.

Para conquistar sua própria liberdade, o direito sagrado de dizer não, até ante o dever, para tanto, meus irmãos, é preciso ser leão.

Conquistar o direito de criar valores novos é a mais terrível empresa para um espírito resignado e respeitoso. Certamente veria em tal ato uma façanha de salteador e de animal de rapina.

Como os mais santos, amou uma vez o “tu deves”, e agora há de ver a ilusão e o arbitrário ainda no mais profundo do que há de mais sagrado no mundo e conquistar assim, após uma grande luta, o direito à liberdade e expensas de seu amor. É necessário um leão para tão grande violência. (Nietzsche, 2008, p.41).

O leão, como vimos, não pode criar nada. O leão se rebela violentamente contra o dragão (símbolo de toda forma de subordinação e de repressão da liberdade e da potência), entretanto, o leão ainda se debate contra o “*tu deves*”, e não poderá alcançar a sua transfiguração e a sua tão sonhada liberdade se não por meio da *luta*. O leão quer ser criador de seus valores e exclamar o seu “*eu quero*” contra o “*tu deves*”. Nietzsche deixa claro a função do espírito neste trecho, o mesmo espírito que detém tanto o camelo como o leão, o espírito que se reconhece no deserto dos maiores fardos sozinho, desolado e em descrença, rebela-se contra a tirania do “*tu deves*” e deve, sempre e sem exceções, estar disposto a *lutar violentamente* contra o seu dragão para enfim se transfigurar em criança. A terceira metamorfose, segundo Nietzsche, é a única capaz do poder da criação. É quando o espírito embebedado em sua inocência, assume para si uma *santa afirmação* de seus valores, liberto dos pesos de outrora e já tendo saído vitorioso contra o dragão. A metamorfose em criança é o brincar; é a expressão mais reluzente da vontade de potência. Em uma passagem enervante, Nietzsche atesta que o espírito tornado criança é aquele que quer “[...] brincar o brinquedo dos criadores [...]”. Particularmente, o espírito na sua forma de camelo carrega o mundo nas costas; o leão quer atacar esse mundo e vencê-lo pela violência; e, por sua vez, a criança desinibida de sua nudez e tomada por sua inocência, *cria para si mundos novos*, e por isso brinca o brinquedo dos criadores.

Mas, digei-me, irmãos: que pode fazer a criança, onde o próprio leão foi incapaz? Por que o rapace??? Leão deve tornar-se criança?”

Inocência é a criança, o esquecimento, novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação. Na verdade, meus irmãos, para brincar o brinquedo dos criadores é necessário ser uma santa afirmação: o espírito quer agora a sua vontade; tendo perdido o mundo, quer ganhar para si o *seu* mundo. (Nietzsche, 2008, p.42).

Em cada passagem das três metamorfoses do espírito, Nietzsche implica em como é o espírito – e sua “*forma*” – que acabam por ditar algumas experiências e as nossas relações com o mundo (seja para afirmá-lo com os seus mais pesados fardos, para combatê-lo ou ainda para criar nossos próprios valores neste mundo). Assim, retornando ao campo da *educação*, agora munidos do conceito de espírito segundo a imbricação nietzschiana, quais transfigurações de

espírito poderíamos encontrar nos pátios, corredores e salas de aula de uma escola? E, talvez a pergunta mais relevante: qual metamorfose é desejada pela escola enviesada pelo pensamento neoliberal? Pois bem, são esses os nossos problemas centrais.

A primeira pergunta parece mais atingível de responder, pois é ululante que todas as transfigurações do espírito são encontradas dentro da escola. Há os espíritos que bradam com o peito inflado o eterno “*tu debes*”, sendo esses tanto professores como alunos. Há, em menor número, e quem sabe rechaçados por sua violência, aqueles que buscam por sua liberdade depois de se depararem com a dor dos fardos pesados da vida e do abandono: os leões. Novamente, desvelados em espíritos de professores e alunos. E, por fim, existem aqueles que escapam de todas as regras e normas, aqueles pelos quais poucos ousam alcançar sua ousadia ou não entendem o *seu* mundo... o espírito da santa afirmação. Raríssimas almas. Quase extintas. Há, com certeza neste processo – e para alegria dos professores e educadores conservadores –, várias crianças e adolescentes dotados do espírito de camelos: sedentos por mais pesos e fardos educacionais, sem questionar absolutamente nada e gozando de todos os seus “sucessos” escolares na competição do “*tu debes*” ser o melhor. Vejam só, não é uma crítica para esses alunos, pois o espírito do camelo carrega consigo o leão e a criança. Agora, a questão é direcionada para a extrema passividade do camelo diante do dragão. Pior ainda, o destino do espírito metamorfoseado em camelo é ter de viver solitário no deserto com suas escolhas e seus fardos. Para a educação contemporânea, um espírito-camelo-estudante será, com obviedade, um bom subserviente da moral e do pensamento dominante, tornar-se-á o caçador de regras e obcecado pela moral vigente. Com efeito, retomando a Christian Laval e István Mészáros, o espírito camelo adulto sempre estará diante da doutrinação permanente do neoliberalismo em sua educação contínua (escola e sociedade).

Ao passar por uma escola, sempre conhecemos aqueles alunos considerados “rebeldes” e “violentos”. Os mesmos questionadores de tudo, dos quais negam veementemente qualquer tipo de regra, como se seus corpos fossem máquinas de guerra contra o sistema. É claro que não estamos mencionando qualquer tipo de violência ou modo de agressão, mas sobre aqueles dos quais estão cansados do “*tu debes*” das inúmeras ditaduras do sucesso e da moral. São corpos cansados e por vezes detentores de cicatrizes ainda muito jovens. As escolas não estão prontas para receber esses espíritos, aliás, tentam a todo custo aniquilá-los. Os nomes para eles são muitos: Mal alunos; indisciplinados; malcomportados; delinquentes; vagabundos etc. O espírito transfigurado leão está dentro da escola, quer sua liberdade e *luta* diariamente por ela.

Porém, como a luta é inevitável, não são todos que conseguem vencê-la. Por fim, é extremamente engraçado como o conceito da criação seja justamente denominado de *criança*. É neste lugar do ser criança e do fazer brincar, da pura liberdade do desejo e da potência, que há espaço para criar mundos. Mundos incríveis, diga-se de passagem. Uma criança transita entre mundos como um deus, afirma suas vontades sem os pesos do camelo e, ainda, recita versos magistrais sem a violência do leão. O espírito metamorfoseado criança tem como força sua coragem de brincar e de criar. Apesar disso, receio que o espírito criança seja facilmente capturado pela engrenagem, dia após dia venha perder a sua essência de criação, até se transfigurar novamente em camelo. Camelos voltados para continuarem produzindo cegamente ou consumindo e sendo consumido pelas regras neoliberais de estratificação da vida. Neste sentido, a escola é sim uma grande parte da máquina de moer *crianças* e transfigurá-las em camelos. Caso haja dúvidas desta afirmação, retome os dizeres da educação: “produzir”, “inovar”, “sucesso”, “competição”, “disputa” entre diversas outras formas de soterramento da potência e da doutrinação da moral de rebanho. Nestes termos, a pergunta “qual metamorfose é desejada pela escola enviesada pelo pensamento neoliberal?” já assume sua resposta: a escola tomada pelo pensamento neoliberal deseja sempre o espírito metamorfoseado em camelos, para carregar os fardos de uma vida de consumo e de disputa eterna, sem liberdade ou criação.

Não há o incentivo para a rebeldia, muito menos para a criação livre. A escola e suas diretrizes de *educação* prefere camelos aos leões, e prefere camelos ao terem de deixar o espírito de criança livre para criar. Contudo, a estratégia mais cruel e taciturna não é realizada somente no comportamento ou no pensamento, o registro de codificação e doutrinação é mediante o espírito. Retomar esse conceito e acreditar pode ser o único modo de resistir aos modos de estratificação dos corpos. Em outra obra, talvez mais distante das citadas aqui, mas tão necessária quanto, em *Os vagabundos eficazes*, Fernand Deligny já anunciava a necessidade de educadores rebeldes e desviantes, e se mostrava ainda mais preocupado em como o *câncer capitalista* poderia deixar cinzento os corpos dentro das escolas.

Tenho um enorme rancor do câncer capitalista que vai, como se diz, atingir o coração. É provável que ainda vá feder um pouco no subúrbio. Mas e amanhã? Seria uma pena que nas cidades-jardins, nas escolas ensolaradas, as crianças ficassem cinzentas, monótonas e dóceis, anestesiadas por séculos de desconfiança em relação ao homem. (Deligny, 2018, p. 21).

Deligny não errou em sua preocupação: escolas cinzentas e que perfilam corpos dóceis são tão comuns como a crença anestesiada na desconfiança da qual cultivamos em relação uns aos outros. Não nos é ensinado o poder da criação e a roda do brincar o brinquedo dos criados

em jardins ensolarados. Nos é ensinado a preocupação de não ser vencido pelo meu semelhante, nos é ensino o “*tu debes*” do sucesso dentro dos muros da escola e fora dela. Como metamorfosear o espírito em meio ao câncer capitalista? Aproveitando a passagem pelos *Vagabundos Eficazes*, citado na introdução por Marlon Miguel, é anunciada um tipo de *pedagogia da revolta*, “[...] onde não se trata de ‘amar’ os moleques, mas de ajudá-los, de ensiná-los a sobreviver em um mundo que lhes é hostil, [...]” (2008, p.12), fazendo assim uma pedagogia que resista dentro dos muros das escolas, uma pedagogia do desvio e não da regra; uma pedagogia feita por educadores que compreendam e tensionem a luta contra o câncer neoliberal e sua máquina de fazer camelos; uma pedagogia do espírito e não da carne.

Três metamorfoses do espírito vos mencionei: de como o espírito se mudava em camelo, de camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança. Assim falava Zaratustra. E nesse tempo residia na cidade que se chamava a “Vaca de Variadas Cores”. (Nietzsche, 2008, p.42).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam a atualidade do pensamento de Nietzsche para a compreensão dos desafios educacionais contemporâneos. Tanto a crítica ao niilismo quanto a análise das metamorfoses do espírito revelam os riscos de uma educação marcada pela massificação, pela reprodução de valores estabelecidos e pela submissão às exigências da racionalidade neoliberal. Em contraposição, a filosofia nietzschiana aponta para a necessidade de formar indivíduos capazes de questionar, criar e afirmar novos modos de existência. Nesse sentido, a educação não deve limitar-se à transmissão de conteúdo ou à adaptação dos sujeitos às demandas sociais vigentes, mas constituir-se como espaço de formação de espíritos livres, capazes de superar a passividade, resistir às formas de domesticação e exercer sua potência criadora. Mais do que oferecer respostas definitivas, Nietzsche convida educadores e educandos a assumirem uma postura crítica diante dos valores vigentes, abrindo caminhos para uma educação comprometida com a autonomia, a criação e a afirmação da vida.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: N-1 edições, 2018. 254 p. Tradução de: Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho.

DELIGNY, F. *Os Vagabundos Eficazes: operários, artistas, revolucionários: educadores*. Tradução de Marlon Miguel. São Paulo: N-1 edições, 2018.

- LAVAL, C. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.
- MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. Tradução de Isa Tavares. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- NIETZSCHE, F. W. *Nietzsche e o Niilismo como diagnóstico da crise da Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. In: CANDIOTTO, Cesar (org). *Ética: bordagens e perspectivas*. 2ª edição. Curitiba: Champagnat PUCPR. 2011.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998a.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b.
- SILVA, Luciano Olavo da. *Os caminhos da política em Nietzsche: da formação do Estado à grande política e suas repercussões possíveis*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Filosofia e Ciências, 2023.
- VIESENTEINER, Jorge L. *Nietzsche e o Niilismo como diagnóstico da crise da Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. In: CANDIOTTO, Cesar (org). *Ética: bordagens e perspectivas*. 2ª edição. Curitiba: Champagnat PUCPR. 2011.
- WOTLING, Patrick. *Nietzsche e o problema da civilização*. São Paulo: Barcarolla, 2013. (Coleção Sendas & Veredas). Tradução de: Maria Aparecida Correa-Paty.